

O RIO E A ROCHA: RESISTÊNCIA EM GILLES DELEUZE E MICHEL FOUCAULT

THE RIVER AND THE ROCK:
RESISTANCE IN GILLES DELEUZE AND MICHEL FOUCAULT

Davis Moreira Alvim*

RESUMO: Nota-se que certos conceitos das filosofias de Michel Foucault e Gilles Deleuze, incluindo suas parcerias com Félix Guattari, têm-se feito presentes com frequência no movimento de renovação do léxico político dos novos movimentos sociais e, além disso, em uma diversidade de obras que buscam compreender as possibilidades da resistência no mundo global do século XXI. A proposta desse trabalho é traçar brevemente um mapa do conceito de resistência no pensamento de Deleuze, contrapondo a perspectiva do autor à analítica do poder em Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência. Michel Foucault. Gilles Deleuze.

ABSTRACT: It is noticed that certain concepts of the philosophies of Michel Foucault and Gilles Deleuze, including his partnerships with Félix Guattari, have become frequently present in the movement of renewal of the lexicon politician of the new social movements and, besides, in a diversity of books that search to understand the possibilities of the resistance in the global world of the century XXI. The proposal of this article is to make a map of the concept of resistance in the thought of Deleuze, in oppose to the perspective of Foucault in his analytical of power.

KEYWORDS: Resistance. Michel Foucault. Gilles Deleuze.

Fredric Jameson encerrou sua conferência intitulada *Postmodernism or the Cultural Logic of Late Capitalism*¹ proferida no Whitney Museum, em 1982, apresentando uma conclusão em forma de pergunta: na condição pós-moderna, caracterizada pela transformação da realidade em imagem e pela fragmentação do tempo, seria possível observar a mesma potência crítica, contestatória, oposicionista e subversiva existente na modernidade? Doze anos depois, concluiu outro de seus artigos de forma curiosamente semelhante. Segundo ele, a “fantasia”

* Doutorando em Filosofia – PUCSP/Capes. Contato: davisalvim@hotmail.com

¹ JAMESON, Fredric. “Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo”. In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n.º 12, p. 16-26, junho de 1985.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – N.º 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	-------------	------------------	-----------

de Francis Fukuyama sobre o “fim da história” seria sinal de um bloqueio da imaginação histórica, fruto da impossibilidade de imaginar uma saída, uma forte recusa, ou mesmo uma desconexão do sistema capitalista globalizado. A idéia de “fim da história” apresenta-se assim como uma expressão dos dilemas e dificuldades do mundo pós-moderno em resistir à nova lógica do capitalismo mundializado².

A lista de hipóteses sobre a pós-modernidade é extensa: trata-se de uma época em que os ideais modernos do liberalismo e do socialismo haviam falido (Wright Mills e Irving Howe); um jogo de indefinição e imanência que caminhou em direção à miscelânea, à paródia e à ironia, formando uma pilhéria eclética (Ihab Hassan); um momento de “atomização” do social, em que a ciência se tornou apenas mais uma das peças do jogo e esvaeceram-se as narrativas mais grandiosas do mundo moderno (Lyotard); uma interrupção abrupta do projeto moderno, levado à falência por alguns de seus próprios equívocos e por uma longa lista de neoconservadorismos (Habermas); ou mesmo uma nova modulação do capitalismo pós-guerra, que poderia ser apreendida pelas noções de pastiche e esquizofrenia (Jameson)³. Esse inventário, necessariamente simplificado, poderia se estender. Contudo, parece-nos que paira sobre ele um incômodo silêncio no que diz respeito à resistência, indicando um ponto comum entre tais hipóteses, a saber: a pós-modernidade, em especial para aqueles que a viram como um período histórico – e não simplesmente uma tendência estética – foi concebida como derrota, falência, novidade, modulação ou mutação, mas, invariavelmente, como um *resultado de novas configurações dos mecanismos de poder*.

Não seria outra a insistência de Michel Foucault. Em conferência proferida na cidade de Tóquio, em 1978, ele definiu o objetivo daquilo que chamou “Filosofia Analítica da Política”: tornar visível o que é visível, fazer aparecer aquilo que é tão íntimo de nós que se tornou, de alguma forma, imperceptível⁴. Se a ciência esforça-se para descobrir o que está oculto, a filosofia, por sua vez, faz ver aquilo que vemos, torna visível as visibilidades. Foucault não hesita em definir a tarefa de tal filosofia, trata-se de uma analítica das relações de poder. Ainda que de forma totalmente diversa da perspectiva de Foucault, não é de se descartar a hipótese de que boa parte do debate sobre a pós-modernidade tenha sido permeada

² JAMESON, Fredric. “Fim da arte” ou “fim da história”? In: _____. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Tradução: Maria Elisa Cevalco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001.

³ Cf. ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

⁴ FOUCAULT, Michel. “A Filosofia Analítica da Política”. In: _____. *Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política*. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

por essa preocupação – característica da segunda metade do século passado – com os fenômenos do poder. Porém, colocar o problema do poder parece levar a pensar também o tema, menos recorrente, da resistência. É sobre essa questão que gostaríamos de nos debruçar. Queremos fazer nossa a questão levantada por Jameson, ou seja, como se dá a resistência no pós-moderno? Contudo, seria preciso acrescentar ao problema certa inflexão inspirada em Deleuze: como pensar a resistência em si mesma, independente das formas da representação e das categorias do negativo⁵?

A proposta desse trabalho é traçar brevemente um mapa das possibilidades de “resistência” no pensamento de Gilles Deleuze e, ainda, em suas colaborações com Félix Guattari, contrapondo a perspectiva desses autores à analítica do poder em Foucault. Suspeitamos que tais autores delineiam pontos-chaves para pensar o ato de resistência por meio de conceitos como “linha de fuga”, “dispositivo”, “desejo” e “nomadismo”, formando, como disse Claire Parnet, *redes de conceitos como redes de resistência*⁶. O caminho nos parece adequado uma vez que se observa, de forma crescente, o aparecimento de noções como, por exemplo, “multiplicidade”, “diferença”, “devir”, características da filosofia de Deleuze e Guattari, na renovação do léxico político dos novos movimentos sociais e, além disso, em diversas obras recentes que buscam compreender as possibilidades da resistência no mundo global⁷.

Pensamos que uma boa maneira de apreender a idéia de resistência talvez seja confrontar certos aspectos em que Deleuze e Foucault pareçam se contrapor, ao menos em certo momento. Em carta destinada a Foucault, escrita no ano de 1977, Deleuze sugere que o livro “A vontade de Saber” dá um novo passo em relação às obras anteriores de Foucault. Na obra em questão, os dispositivos de poder são vistos como forças constituintes, de tal forma que, além de não serem tomados como essencialmente repressivos ou ideológicos, não são ainda simplesmente normalizantes⁸. Inventivos, os poderes já não mais aludem a aspectos puramente negativos, tais como a loucura ou delinquência, ao contrário, referem-se

⁵ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 16.

⁶ Cf. DELEUZE, Gilles. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: http://www.oestrangerio.net/index.php?option=com_content&task=view&id=67&Itemid=51 Acesso: 19/06/2008.

⁷ Cf. NEGRI, Antônio; COCCO, Giuseppe. *Global: biopoder e lutas em uma América Latina globalizada*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 14-16; HARDT, ^{Michael}; NEGRI, Antonio. *Império*. Tradução: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 234-238.

⁸ DELEUZE, Gilles. “Desejo e prazer”. Tradução: Luiz B. Orlandi. In: PELBART, Peter; ROLNIK, Suely (orgs.). *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC-SP, v.1, n.1, 1993.3. p. 15.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

principalmente a uma categoria positiva: a sexualidade. Para além das velhas interdições do poder soberano e suas intervenções pontuais, o poder passa a ser exercido por meio de uma presença constante, atenta e curiosa. Foucault escreve belas páginas que têm como tema a sensualização do poder: poder que roça os corpos, “acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados”⁹. Ao sensualizarem-se, os olhos vigilantes do poder são recompensados por uma emoção que os reforça, é-lhes permitido atrair as estranhezas, avançar, multiplicar seus efeitos, pluralizar seus alvos e ramificar suas articulações¹⁰.

Tomado como meramente repressivo, o poder, segundo Foucault, foi mal compreendido, pois mais do que proibir ou interditar, ele incita. Denunciar a repressão como sua forma fundamental de agir implica em ocultar sua própria proliferação e esconder sua presença nas condutas mais delicadas e individuais do homem, sua presença lá onde se imagina espaços subjetivos de pura intimidade e liberdade. Em “Vigiar e Punir” Foucault já anunciava que o homem que nos convidam a liberar, a deixar emergir, como se lá, nas profundezas, estivesse um “eu” puro e intocado pelo poder já é, em si mesmo, efeito de uma sujeição. Isso ocorre pois, ao menos desde as sociedades disciplinares, a “alma” que habita o homem é, ela mesma, uma peça dos dispositivos de poder que atuam sobre o corpo, como se a “alma” aprisionasse o corpo¹¹. Estamos, portanto, diante de um funcionamento do poder que não mais se contenta com mecanismos de barragem ou proibição, mas que organiza-se em linhas de penetração intermináveis, em formas produtivas e inventivas de atuação. Entre as personagens fruto dos empreendimentos do dispositivo da sexualidade estão, por exemplo, a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso. Uma vez mais, não se trata de censura, mas, ao contrário, da montagem de uma aparelhagem destinada a produzir discursos, empenhada em dizer tudo o que há para se dizer sobre o sexo e, assim, fazer aparecer sua verdade. Não simplesmente para condenar ou tolerar, mas para gerir, regular e fazer funcionar segundo um padrão ótimo. Não se trata mais de julgar o sexo, mas de administrá-lo.

⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 44.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 44-46.

¹¹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução: Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 2004b, p. 29.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

Contudo, a novidade do primeiro volume da história da sexualidade não está apenas na forma como concebe os dispositivos de poder, mas também em sua preocupação em abordar o estatuto da resistência. Segundo Foucault, se o poder existe numa rede vasta e multiforme de relações, os pontos de resistência também se apresentam como multiplicidade ou como “focos”¹². Tais pontos são o outro termo das relações de poder, o que não quer dizer que estejam fadados ao fracasso. Ao menos nesse momento do pensamento de Foucault, as resistências apresentam-se como pontos e nós irregulares que se distribuem com maior ou menor densidade no jogo relacional com o poder. Podem provocar levantes radicais, rupturas profundas, mas é mais comum serem pontos transitórios, móveis e precários. Da mesma maneira imanente, fragmentada e acentrada que funcionam as relações de poder, também as resistências suscitam reagrupamentos, introduzem clivagens e procedem por estratégias. Uma revolução só é possível por meio de uma codificação estratégica desses pontos de resistência, um pouco como o Estado só é possível se apoiando sobre uma multiplicidade institucional de relações de poder¹³.

Os saberes também fazem parte do jogo instável entre resistência e poder. Eles podem ser instrumentos e efeitos de poder, mas, ao mesmo tempo, o ponto de partida de uma estratégia oposta, que mina, expõe, debilita e barra as estratégias de poder. Por exemplo, no século XIX, o aparecimento na psiquiatria, na jurisprudência e na literatura de um discurso que hierarquizava em categorias espécies e subespécies de homossexualidade permitiu o avanço do controle sobre essa região, mas também possibilitou a elaboração de um discurso de “reação”, permitindo ao dito homossexual falar de si mesmo e reivindicar sua legitimidade, apropriando-se de forma diversa de categorias do próprio saber médico que o desqualificava¹⁴.

Em “A Vontade de Saber” o problema da resistência parece ter recebido uma formulação mais consistente, contudo, seria exagero dizer que essa preocupação não se colocava anteriormente. Sem dúvida é do funcionamento dos dispositivos de poder soberano e disciplinar que trata centralmente a obra “Vigiar e Punir”, porém, não se deixa de abordar os momentos conturbados em que a resistência ganha espaço e choca-se contra o maquinário do

¹² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 91.

¹³ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 92.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 96.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

poder. Diante do poder punitivo do soberano, Foucault demonstra que não era incomum a recusa e a revolta. Em relação ao espetáculo do suplício alguns exemplos de práticas resistentes são: o impedimento de execuções consideradas injustas, a obtenção forçada do perdão para um condenado arrancado pela multidão das mãos do carrasco, eventualmente a perseguição, o assalto e até mesmo a morte dos executores, isso sem contar as práticas dispersas no ritual, tal como maldizer os juízes e fazer tumulto na hora da sentença¹⁵.

Essas resistências fragmentadas e focais parecem estar bem expressas nas “vidas breves” que Foucault costumava encontrar em suas pesquisas nos arquivos do internamento do Hospital Geral e da Bastilha. São “exemplos que trazem menos lições para meditar do que breves efeitos cuja força se extingue quase instantaneamente”¹⁶, trechos que noticiam fragmentos de vidas “desregradas” por meio de queixas, denúncias, ordens e relações, que tratavam de pequenas personagens obscuras, tais como monges vagabundos, soldados desertores, mulheres espancadas ou tabeliães usurários¹⁷. Contudo, todos eles só puderam chegar até nós porque um feixe de luz os iluminou. Na penumbra em que se estavam, foram encontrados pelos holofotes do poder que, ao menos por um instante, lhes prestou atenção, os perseguiu e os espreitou. Nesse ponto Foucault faz a si mesmo uma objeção, a saber: a incapacidade de ultrapassar a linha do poder, de passar para o outro lado, de tal forma que uma mesma escolha, de alguma forma, se impõe, *o lado do poder*¹⁸. Uma formulação instigante e sugestiva surge então daqui, pois para Foucault, o ponto mais intenso das vidas, sua mais intensa capacidade de resistência estaria expressa, justamente, quando elas colidem com o poder e se debatem com ele:

Afinal, não é um dos traços fundamentais de nossa sociedade o fato de que nela o destino tome a força de uma relação com o poder? O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas *se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas* [grifo nosso]¹⁹.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. “A Filosofia Analítica da Política”. In: _____. *Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política*. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, p. 50-54.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: _____. *Ditos & Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução: Vera L. Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: _____. *Ditos & Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução: Vera L. Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 207.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: _____. *Ditos & Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução: Vera L. Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 207.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: _____. *Ditos & Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução: Vera L. Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 207.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

Nesse ponto, Deleuze indica uma diferença importante em relação a Foucault. A noção de agenciamento, invocada em seus trabalhos com Félix Guattari, sugere certa insegurança sobre a possibilidade de descrever o funcionamento dos microdispositivos em termos de poder e resistência – ao menos no sentido preciso que essa última palavra pode assumir²⁰. Se, por um lado, os agenciamentos de desejo comportam dispositivos de poder, por outro, é fundamental distinguir os movimentos de territorialidades, reterritorialização e desterritorialização que atravessam esses mesmos dispositivos. Os dispositivos de poder não seriam os principais responsáveis pela ação constituinte, pois há um primado do desejo sobre as relações de poder que, na verdade, são formações secundárias, ou melhor, reterritorializações de um fluxo que se desterritorializou²¹. Se para Foucault os dispositivos de poder normalizam e disciplinam, para Deleuze eles codificam e reterritorializam, o que quer dizer que os poderes funcionam também de forma repressiva, pois “esmagam não o desejo como dado natural, mas as pontas dos agenciamentos de desejo”²². Dessa forma, a resistência liga-se menos à noção de contradição e mais às maneiras como um campo social foge por todos os lados.

Sob a ótica de Deleuze, as linhas de fuga ou desterritorializações são primeiras, embora não se trate de um primeiro cronológico. É claro que essas linhas de fugas não são necessariamente “revolucionárias”, mas são justamente elas que os dispositivos de poder vão tentar colmatar, enlaçar ou apreender, em um movimento de reterritorialização. Tais dispositivos são forças que atuam em uma espécie de linha de segmentaridade dura, constituída pelo controle não somente dos grandes conjuntos molares – Estados, instituições, classes – mas também pela identidade de cada instância, incluindo nossas identidades pessoais. Essa linha molar não tem qualquer função perturbadora ou dispersiva, ao contrário, é constituída de territórios bem delimitados e planejados. Nela tem-se um *porvir*, não um *devir*²³.

Nos sistemas sociais existem sempre linhas de fuga, mas também endurecimentos para impedir essas fugas, ou, ainda, aparelhos que as integram, desviam ou detêm²⁴. O desafio

²⁰ DELEUZE, Gilles; “Desejo e prazer”. Tradução: Luiz B. Orlandi. In: PELBART, Peter; ROLNIK, Suely (orgs.). *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC-SP, v.1, n.1, 1993, p. 17.

²¹ DELEUZE, Gilles; “Desejo e prazer”. Tradução: Luiz B. Orlandi. In: PELBART, Peter; ROLNIK, Suely (orgs.). *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC-SP, v.1, n.1, 1993, p. 18.

²² DELEUZE, Gilles; “Desejo e prazer”. Tradução: Luiz B. Orlandi. In: PELBART, Peter; ROLNIK, Suely (orgs.). *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC-SP, v.1, n.1, 1993, p. 18.

²³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996, p. 67.

²⁴ DELEUZE, Gilles. “Sobre capitalismo e desejo (com Félix Guattari)”. In: _____. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006b, p. 337.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

lançado por Deleuze e Guattari é o de pensar a resistência ao lado de uma linha maleável ou molecular, composta por fluxos, intensidades e partículas. Uma linha diferente, não necessariamente melhor, marcada pela desterritorialização de elementos rígidos. Nesse estrato, a resistência é compreendida enquanto fluxo desterritorializante não pode ser tomada como simples enfrentamento fragmentário ou foco de luta *contra* os mecanismos de poder, pois, em certo sentido, são os mecanismos de poder que oferecem “resistência” aos movimentos de desterritorialização. Se quisermos retomar o jargão marxista, diríamos que o desejo, as desterritorializações e também as resistências, estão do lado da infra-estrutura, eles a investem, fazem parte dela, contra eles o poder age, em um movimento secundário, de forma organizadora: há, portanto, uma *organização do poder*²⁵.

Essa orientação é sensivelmente diferente da perspectiva de Foucault, para quem a busca de contornos apropriados de luta está intimamente ligada ao primado do esforço de compreensão do que é o poder²⁶. Isso não quer dizer que Foucault ignore as resistências, ou mesmo que ele não tenha reservado a elas um espaço importante em sua analítica do poder. Na verdade, trata-se de observar que os autores partem de questões diferentes: se para Foucault é fundamental decifrar o funcionamento dos poderes para, então, opor-lhes resistências e lançar contra eles uma espécie de “réplica política”²⁷, para Deleuze o problema é saber quais “são os fluxos de uma sociedade, quais são os fluxos capazes de subvertê-la, e qual o lugar do desejo em tudo isso?”²⁸.

É sob essa perspectiva que Deleuze e Guattari invocam um conjunto de saberes nômades, exteriores ao Aparelho de Estado, não destinados a tomar um poder, mas, ao contrário, a “seguir o fluxo da matéria, traçar e conectar o espaço liso”²⁹. Saberes ambulantes que estabelecem sua relação com a terra por meio de uma forte desterritorialização. Ciências menores que seguem modelos hidráulicos, ao invés de uma teoria dos sólidos, voltadas ao devir, à heterogeneidade e às organizações turbilhonares, contrapondo-se às noções de

²⁵ DELEUZE, Gilles; “Sobre capitalismo e desejo (com Félix Guattari)”. In: _____. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006b, p. 333.

²⁶ FOUCAULT, Michel. Os “Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze”. In: MACHADO, Roberto (org.). *Microfísica do Poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 75.

²⁷ FOUCAULT, Michel; *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 136.

²⁸ DELEUZE, Gilles. “Deleuze e Guattari explicam-se”. Tradução: Luiz B. Orlandi. In: _____. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006^a, p. 292.

²⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, p. 41.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

estabilidade, eternidade, identidade, constância e linearidade³⁰. De um lado, um modelo legal ou legalista, que insiste em colocar constantes em evidência e construir equações, de outro, a preocupação em captar singularidades e colocar as variáveis em “estado de variação contínua”³¹. São saberes que se desenvolvem extrinsecamente em relação ao aparelho estatal, ainda que não parem de ser barrados, disciplinados, inibidos ou proibidos pelas condições das ciências de Estado. Perante essa linha fugidia, os poderes agem preferencialmente por estratificação, seleção e administração, enquanto as resistências, paradoxalmente, operaram linhas de fuga, colocando-se como matéria desestratificada, desterritorializada.

Por ser nômade e molecular, a resistência não pode deixar de captar uma potência que é da ordem da criação e do movimento, envolvendo inclusive a recusa e a subtração. Sua energia não reside propriamente na contradição, tal como a força de Bartleby, personagem de Melville, não está no conflito, mas sim na recusa absoluta³². Maurizio Lazzarato observa precisamente uma lógica da recusa nos movimentos pós-socialistas, recusa que se daria de duas maneiras. Um primeiro movimento que opera por divisão, separando “nós e eles”, amigos e inimigos, introduzindo uma fuga das instituições e das regras representativas da política. Todos partem, ainda segundo Lazzarato, como se recitassem a fórmula de Bartleby: “eu preferiria não”³³. O segundo movimento de recusa acontece pela abertura de um devir, pela invenção de uma nova forma de estar junto, pela composição de um comum não totalizável. Se o primeiro plano é um plano de fuga, o segundo é marcado pela “constituição (criação e atualização de mundos)”³⁴. A criação é a mais intensa energia das resistências, pois é no ato de criação que reside sua força, pois, do contrário, como bem sabia Nietzsche, o niilismo triunfa. Quando se deixa de dizer “criar”, e passa-se a querer o poder, desejar dominar, temos uma vitória da reação e das forças no negativo³⁵.

Se para Foucault as resistências são uma imagem invertida dos dispositivos de poder, para Deleuze a mesma guarda uma afirmatividade própria. Nesse sentido, se lavarmos em

³⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, p. 25.

³¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, p. 36.

³² DELEUZE, Gilles. Bartleby, ou a fórmula. In: _____. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 80-103.

³³ LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Tradução: Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 204-205.

³⁴ LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Tradução: Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 205.

³⁵ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução: Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, s/d. p. 24.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

conta os dois planos apontados por Lazzarato, notamos que a resistência move-se de um lado a outro, constantemente desterritorializando-se e reterritorializando-se, em um e outro estrato, enquanto, por outro lado, o poder constituído é obrigado a permanecer em um só plano, o plano da totalidade. Camille Dumoulié captou de forma admirável o caminho indicado por Deleuze e Guattari. Citando o mestre de capoeira Almir das Areias e sua fórmula (“em todos os movimentos tu deves ser como a corrente do rio que contorna o rochedo”), Dumoulié indica a questão paradoxal da resistência: não é a obra de arte nem o jogador que se opõem a uma ordem ou força, “inversamente, é uma certa ordem do mundo ou uma estrutura social dada que, como o rochedo, constitui uma força de resistência contra a corrente da vida”³⁶.

Água e rochedo, resistência e poder, são dois estratos que não possuem uma mesma natureza. Parece-nos que esta possível separação remete ao problema dos mistos mal analisados, do qual Deleuze já falava em sua obra sobre Henri-Louis Bergson. Segundo Deleuze, para Bergson as coisas nos são apresentadas como misturas e a experiência só nos proporciona mistos. Contudo, o fio condutor do método de Bergson está precisamente na idéia de que é necessário desfazer tais mistos e encontrar neles suas linhas puras, ou seja, dividi-los de acordo com suas articulações naturais³⁷. Na verdade, a dificuldade na separação dos mistos está intimamente ligada à incapacidade de encher a diferença, de tal forma que ali onde há diferença de natureza, só se vê diferença de grau. Tal esquecimento da verdadeira diferença engendra todo tipo de problemas mal formulados, que adveem do fato de:

(...) não sabermos ultrapassar a experiência em direção às condições da experiência, em direção às articulações do real, e reencontrarmos o que difere por natureza nos mistos que nos são dados e dos quais vivemos³⁸.

Poder e resistência estariam em duas linhas diferentes por natureza? Trata-se de uma hipótese que precisa ser pensada. Se ela é correta, essa diferença entre duas linhas ou estratos é fundamental para captar o aspecto precisamente fugidio da resistência. Sabemos que sua lógica escapa, ou melhor, não se reduz, à constituição de um Aparelho de Estado, que se situa em outra linha. Dessa forma, pensar a resistência enquanto linha pura, separada do misto mal analisado que é concebê-la como pertencente ao mesmo estrato das relações de poder, é também sugerir que a resistência muda diferindo de si mesma, de forma afirmativa,

³⁶ DUMOULIÉ, Camille. A capoeira, arte de resistência e estética da potência. In: LINS, Daniel (org.). *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência: Simpósio Internacional de Filosofia* (2004). Rio de Janeiro: Forense Universitária, Fortaleza, CE: Fundação da Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p. 1.

³⁷ DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Tradução: Luiz B. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 14-15.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

possuidora de uma lógica e um movimento próprio que não acompanha mecanicamente os movimentos do poder. Por isso, o que vale, para Guattari, não é uma instância unificadora dos desejos – ou seja, um misto que, apenas por ser mal analisado, os torna homogêneos – mas sim algo como uma “enxameação ao infinito” das resistências³⁹. O poder, por outro lado, opera ações secundárias de totalização, manipulação, repressão e canalização dos múltiplos desejos. A lição é não tomar os mistos por uma realidade homogênea, de forma a fazer perceber que as instâncias molares esforçam-se para capturar o movimento, no limite, pará-lo, o que só pode ocorrer em uma operação secundária ou uma reação.

Sem dúvida o problema da resistência não é novo. Nos oitocentos, como sabemos, não se deixou de perguntar pelas formas de luta contra a miséria. Como constituir o operário em classe? Como superar a revolta dispersa em conflitos pontuais (destruição de mercadorias, quebra de máquinas, incêndio de fábricas) em direção ao processo revolucionário “de dissolução da classe dominante”⁴⁰? Contudo, tais questões soam deslocadas na atmosfera política e filosófica de nossos tempos. Se os anos 80 e 90 foram marcados pela celebração geral de uma nova ordem mundial hegemônica, um passeio pelos subterrâneos dessas mesmas décadas nos mostra que a busca pela compreensão das novas modulações do poder que acompanharam o capitalismo triunfante nunca cessou, como demonstra a própria análise do poder em Foucault. Esse último, como é sabido, não deixou, aliás, de avançar em relação à questão do poder ao encontrar a dimensão da *subjetivação*. Esse movimento do pensamento de Foucault em direção a uma estética da existência, capaz de resistir ao poder e se furta ao saber, parece também indicar um deslocamento no sentido de repensar as possibilidades de resistência⁴¹. Parece-nos ainda que a concepção de Deleuze sugere ser possível que a resistência, concebida em termos de “vanguarda”, “consciência de classe” ou “revolução proletária” nos pareça hoje datada não apenas pela dita vitória plena do capitalismo global, mas também porque a própria resistência se metamorfoseou e desertou suas antigas modalidades dialéticas.

³⁸ DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Tradução: Luiz B. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 18.

³⁹ DELEUZE, Gilles. “Sobre capitalismo e desejo (com Félix Guattari)”. In: _____. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006b, p. 337.

⁴⁰ ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Pietro Sant’Anna. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 55.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

Referências

- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- DELEUZE, Gilles. “Deleuze e Guattari explicam-se”. Tradução: Luiz B. Orlandi. In: _____. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006a. p. 277-292.
- _____. “Sobre capitalismo e desejo (com Félix Guattari)”. In: _____. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006b. p. 331-344.
- _____. *Bergsonismo*. Tradução: Luiz B. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. “Bartleby, ou a fórmula”. In: _____. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 80-103.
- _____. “Desejo e prazer”. Tradução: Luiz B. Orlandi. In: PELBART, Peter; ROLNIK, Suely (orgs.). *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC-SP, v.1, n.1, 1993.
- _____. “Rachar as coisas, rachar as palavras”. In: _____. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 105-117.
- _____. *Diferença e repetição*. Tradução: Luiz B. Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *Nietzsche*. Tradução: Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, s/d.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DUMOULIÉ, Camille. “A capoeira, arte de resistência e estética da potência”. In: LINS, Daniel (org.). *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência: Simpósio Internacional de Filosofia (2004)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Fortaleza, CE: Fundação da Cultura, Esporte e Turismo, 2007.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Pietro Sant'Anna. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- FOUCAULT, Michel. “A Filosofia Analítica da Política”. In: _____. *Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política*. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução: Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 2004b.
- _____. “A vida dos homens infames”. In: _____. *Ditos & Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução: Vera L. Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. “Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze”. In: MACHADO, Roberto (org.). *Microfísica do Poder*. Tradução: Roberto machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HARDT, ^{Michael}; NEGRI, Antonio. *Império*. Tradução: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- JAMESON, Fredric. “Fim da arte” ou “fim da história”? In: _____. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Tradução: Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. “Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo”. In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n°. 12, p. 16-26, junho de 1985.

⁴¹ Cf. DELEUZE, Gilles. Rachar as coisas, rachar as palavras. In: _____. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 116.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Tradução: Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NEGRI, Antônio; COCCO, Giuseppe. *Global: biopoder e lutas em uma América Latina globalizada*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 78-90
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------